

A.M./A.M. PARA MEMÓRIA FUTURA: DOIS HOMENS QUE LUTARAM CONTRA A DITADURA DOS DOIS LADOS DA FRONTEIRA E MEIOS DE PRODUÇÃO DE MEMÓRIA

por

João Baía¹

Resumo: Na cidade Bragança há um bairro, uma escola, uma rua e um jardim com o nome de Artur Mirandela, bem como foi erigido um monumento em sua homenagem na mesma cidade. Apesar da existência destes memoriais não há investigação publicada específica sobre esta personalidade. Durante a Guerra Civil de Espanha ajudou o refugiado galego e POUMista Alberto Mezquita a atravessar o país rumo a Lisboa para tentar embarcar para a América Latina. Serão apontadas e discutidas neste artigo algumas hipóteses para Artur Mirandela não estar inscrito na história local, nacional e internacional.

Palavras-chave: Memórias periféricas; Meios de produção de memória; Transmissores de memória.

Abstract: In Bragança city there is a neighborhood, a school, a street, and a garden named Artur Mirandela. A monument was also erected in his honor in the same city. Despite the existence of these memorials there is no specific published research about this personality. During the Spanish Civil War, he has helped the Galician and POUMist refugee Alberto Mezquita to cross the country to Lisbon to try to embark for Latin America. Some hypotheses will be pointed and discussed in this article for Artur Mirandela not to be inscribed in the local, national and international history.

Keywords: Peripheral memories; Memory's means of production; Memory transmitters.

A partir de uma etnografia, que conciliou trabalho de campo e realização de entrevistas semiestruturadas com o trabalho de pesquisa documental em arquivos nacionais e internacionais, procurei compreender os efeitos e as causas das mobilidades e das imobilidades numa zona fronteira situada a Norte de Bragança (Portugal) e a Sul de Puebla de Sanábria (Zamora – Espanha), nomeadamente

¹ Doutorando do Programa de Doutoramento em Migrações no ICS – ULisboa, especialidade Antropologia da Etnicidade e do Político, assistente de investigação no CIES-IUL e investigador associado do IHC-NOVA FCSH.

na aldeia de Montesinho e, com menor intensidade, em quatro aldeias vizinhas². Numa das entrevistas realizadas surgiram memórias da guerra civil de Espanha (1936-1939), que suscitaram uma investigação paralela e complementar sobre as relações transfronteiriças e os fluxos migratórios:

Quando acabou lembro-me eu. Tinha eu dois anos quando começou. Não me lembro de começar, mas lembro-me do final. Mataram outro casal aqui em Carragosa, num carvalhal. Estavam lá escondidos e mataram lá o marido e a mulher. Deixaram a criança pequenina. A Igínia. Era mais ou menos da minha idade. Ainda brincámos tantas vezes juntas. Depois um senhor daqui de Bragança que se chamava Artur Mirandela tomou conta dela. Adotou-a. Tomou conta da menina³.

Tinham-me relatado o mesmo episódio na aldeia de Meixedo em 2011, no âmbito do projecto de investigação coordenado por Victor Pereira, sobre emigração irregular para França, em que participei como assistente de investigação⁴. Numa publicação sobre a guerra civil de Espanha na raia portuguesa, editada pela Câmara Municipal de Barrancos, Iva Delgado também faz referência a esta história⁵, igualmente citada no livro do jornalista José Viale Moutinho⁶. Este autor refere que o pai de Igínia acabou por se salvar da perseguição franquista com o apoio de Artur Mirandela, que lhe arranjou trabalho nas “Minas de chumbo de Almofala no Concelho de Figueira Castelo Rodrigo”, e conseguiu arranjar-lhe nova documentação através de um amigo, cujo irmão tinha falecido em Espanha⁷.

Decidi seguir esta pista e investigar o que havia sido escrito sobre Artur Augusto das Neves, mais conhecido por Artur Mirandela. Sobre ele encontrei uma entrada no II volume do *Dicionário dos Mais Ilustres Trasmontanos e Alto Durienses*, baseada num artigo dos jornais a *Sineta* e jornal *República*, e numa intervenção pública do seu filho Manuel Mirandela:

² Investigação em curso no âmbito do Programa de Doutoramento em Migrações no ICS-ULisboa, especialidade Antropologia da Etnicidade e do Político, com bolsa da FCT PD/BD/113554/2015, cujo financiamento foi participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do MEC.

³ Entrevista realizada a Adília dos Anjos Fernandes, de 81 anos, na aldeia de Montesinho, em 2016.

⁴ Projecto de investigação: “Além do fracasso e do maquiavelismo. A emigração irregular portuguesa para a França, 1957-1974”, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC/AAC-AMB/098786/2008), que decorreu no Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa.

⁵ Iva Delgado, “A minha memória portuguesa da guerra civil de Espanha”, in *A Guerra civil de Espanha na raia portuguesa*, coord. Miguel Rego (Barrancos: Câmara Municipal de Barrancos, 1999), p. 25.

⁶ José Viale Moutinho, “Maria de la Libertad”, in *No Pasarán! Cenas e cenários da Guerra Civil de Espanha* (Lisboa: Editorial Notícias, 1999), pp. 31-35.

⁷ José Viale Moutinho, “Maria de la Libertad”, in *No Pasarán! Cenas e cenários da Guerra Civil de Espanha* (Lisboa: Editorial Notícias, 1999), p. 34.

*Ao tempo da guerra civil de Espanha, acolheu centenas de refugiados espanhóis e durante a II Guerra Mundial foi dos elementos mais activos do Norte de Portugal, em prol dos aliados, colaborando intensamente com a resistência francesa, quer na canalização de informações, quer no acolhimento e protecção de pessoas, nomeadamente belgas, franceses, holandeses, polacos, judeus e não judeus” [...] Recebeu os agradecimentos do Rei de Inglaterra e do seu Governo, através do seu Embaixador em Lisboa. Mister N. Rondl, por carta dirigida em 25 de Março de 1949 [...]. Outros eminentes estadistas, como o General de Gaulle, demonstraram o seu apreço a este corajoso opositor ao nazismo. O seu exemplo de paladino da Liberdade e da Justiça, de apóstolo das grandes causas e dos valores supremos da Humanidade, merece ser de todos conhecido [...]*⁸.

A leitura de vários estudos sobre a guerra civil espanhola realizados em Espanha e em Portugal, facilitada pelo balanço feito em Portugal por Manuel Loff⁹, somados aos trabalhos das antropólogas Paula Godinho¹⁰ e Dulce Simões¹¹, bem como as investigações de César Oliveira¹² e Dionísio Pereira¹³, foram fundamentais para uma maior compreensão deste período específico que marcou a história de Espanha e de Portugal de forma indelével, nomeadamente a zona raiana entre estes dois países, e a história internacional.

Artur Augusto das Neves (Artur Mirandela) nasceu em 1900 em Valpaços e faleceu em Matosinhos a 1964. Durante 26 anos trabalhou como tesoureiro da Agência do Banco de Portugal em Bragança, foi um dos fundadores da Associação dos Socorros Mútuos dos Artistas e presidente da comunidade judaica na mesma cidade. Em 1933 cumpriu as funções de editor do jornal quinzenal *P'ra cá do Marão*, e durante vários anos geriu com a sua esposa uma taberna na cidade de Bragança. Nas eleições de 1948 esteve bastante envolvido na campanha eleitoral

⁸ Raúl Morais, “N – Neves, Artur Augusto das”, in *II volume do Dicionário dos mais ilustres Trasmontanos e Alto Durienses*, coord. Barroso da Fonte (Guimarães: Editora Cidade Berço, 1998), p. 249.

⁹ Manuel Loff, “A memória da Guerra de Espanha em Portugal através da historiografia portuguesa”, *Ler História*, n.º 51 (2006), pp. 77-131.

¹⁰ Paula Godinho, *Oir o galo cantar dúas veces – Identificações locais, culturas das marxes e construción de nacións na fronteira entre Portugal e Galicia* (Ourense: Deputación Provincial de Ourense, 2011).

¹¹ Dulce Simões, *A Guerra de Espanha na raia luso-espanhola – Resistências, solidariedades e usos da memória* (Lisboa: Edições Colibri, 2016).

¹² César Oliveira, *Salazar e a Guerra Civil de Espanha* (Lisboa: O Jornal, 1988).

¹³ Dionísio Pereira, *Emigrantes, exilados e perseguidos. A comunidade portuguesa na Galiza (1890-1940)* (Através Editora: Compostela, 2014).

de Norton de Matos em Bragança e, em 1958, já a viver em Matosinhos, foi delegado da campanha de Humberto Delgado no Porto.

Considerando este percurso de intervenção política e social durante a Ditadura portuguesa (1933-1974), resolvi averiguar se tinha algum processo no arquivo da polícia política (PVDE/PIDE/DGS) na Torre do Tombo, e verifiquei que este já havia sido consultado por Elvira de Azevedo Mea, co-autora do livro *Ben-Rosh – Biografia do capitão Barros Basto o apóstolo dos marranos*.

O Capitão Barros Basto, figura controversa que fundou a sinagoga do Porto, iniciou a Obra do Resgate e criou o jornal *Há-lapid*, com o objectivo de divulgar as tradições dos marranos e criptojudeus em Trás-os-Montes e na Beira Alta. Em 1928 Barros Basto e António José Montanha reorganizaram a comunidade judaica de Bragança e criaram a sinagoga, a que deram o nome de *Shaaré Pideon*, “Portas do Resgate”. Neste livro é referido que Artur Mirandela foi preso por ter apoiado um refugiado espanhol. Segundo Elvira Mea e Steinhardt, “teve uma acção notável durante a guerra, passando muitas dezenas de fugitivos através da Espanha até Portugal, Bragança, encaminhando-os depois para o Porto e Lisboa”¹⁴.

Na obra de Alexandre Teixeira Mendes, sobre o Capitão Barros Basto, é referido um relatório da PVDE de 1939, que considera Barros Basto “um elemento de ligação entre judaísmo e todas as tendências contra o Estado Novo”¹⁵. A partir da consulta destes dois processos verifiquei que Artur Mirandela apresenta um perfil semelhante, estando em contacto com vários elementos da oposição na cidade de Bragança e ligado aos revirralhistas republicanos¹⁶.

Em 1937 foi preso pela PVDE, e em 1958 pela PIDE. A primeira prisão deveu-se à tentativa de salvar das mãos dos falangistas um refugiado espanhol do POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista), sindicalista ferroviário, membro do conselho editorial da *P.A.N. – Revista epistolar e de ensaios*, em Madrid. O seu nome era Alberto Fernández Martínez, mais conhecido por Alberto Mezquita, por ser natural de La Mezquita. Em Madrid era frequentador assíduo de vários cafés animados com intensas tertúlias, por intelectuais, escritores e pintores de vulto da Galiza, de Espanha e da América Latina. Aquando do golpe militar de 18 de julho de 1936, contra o governo democraticamente eleito da II República espanhola, Mezquita e sua companheira Maruja Mallo, conhecida pintora surrealista,

¹⁴ Elvira de Azevedo Mea e Inácio Steinhardt. *Ben-Rosh. Biografia do Capitão Barros Basto, o Apóstolo dos Marranos* (Porto: Edições Afrontamento, 1997), p. 220.

¹⁵ Alexandre Teixeira Mendes. *Barros Basto – A Miragem Marrana* (Porto: Ladina Associação de Cultura Sefardita, 2007), p. 133.

¹⁶ ANTT, Arquivo PIDE/DGS, Delegação do Porto, Processo 10254, Unidade de Instalação 3613 e Serviços Centrais, Processo 491/37, Unidade de Instalação 4474.

foram surpreendidos em Beluso, no município de Bueu (Pontevedra – Galiza) onde passaram férias em 1933, 1934 e 1935 com intelectuais galegos e exilados venezuelanos, nomeadamente Rómulo Gallegos, professor e escritor venezuelano exilado em Madrid, que anos mais tarde foi presidente da Venezuela¹⁷.

O casal tentou fugir para a América Latina com o apoio da amiga Gabriela Mistral, que era escritora e pedagoga, a quem foi atribuído o prémio Nobel da Literatura em 1945. Em 1937, Mistral era cônsul do Chile em Lisboa e conseguiu que Maruja Mallo fosse para a Argentina, mas já não conseguiu que Alberto Mezquita embarcasse para a América Latina e escapasse às malhas das ditaduras ibéricas. Maruja Mallo descreveu um episódio ocorrido a 18 de Julho de 1936 em Bueu, num texto publicado no jornal *Vanguardia* de Barcelona, transcrito por Pérez Leira:

Hablaré de aquellos que conocí personalmente, ya que el número de víctimas es incalculable... Juan de La Torre, secretario del Partido Comunista de Bueu, la última vez que lo encontramos nos dijo: ‘Yo no huiré a las montañas. Yo quiero la victoria o el cementerio. El triunfo será nuestro’ (...) Como se nego a salir de allí porque sabía donde lo llevaban, se abalanzó sobre uno de los falangistas y con los dientes le desgarró media cara. Los falangistas le asestaran disquetes punhaladas y lo arrojaram a la calle por um balcón del ayuntamiento [Os falangistas apunhalaram-no e atiraram-no pela varanda da Câmara Municipal]. Así le arrancaron la vida a J. de la Torre, carpinteiro, constructor de barcas y buen marinero¹⁸.

O alcaide de Bueu, Johan Carballeira, seguiu o mesmo destino, sendo detido e fuzilado.

Artur Mirandela fez parte de uma extensa rede com algum poder no concelho de Bragança e Vila Real, que apoiou a fuga de Alberto Mezquita. Depois de várias pessoas com influência terem certificado que Alberto Mezquita era nacionalista, confirmando um documento que também o atestava, libertaram-no com a condição de atravessar a fronteira para se documentar. Como sabia o que ia acontecer quando chegasse ao outro lado da fronteira decidiu pedir apoio a Artur Mirandela, que lhe tinha fornecido alimentação durante a estadia na prisão. Artur Mirandela albergou-o na casa de Sacoias, e pediu ao filho Leonel Mirandela para

¹⁷ Lois Pérez Leira, “O Exílio en Galicia de Rómulo Gallegos”, *Grial* (vol. 48, n.º 188, 2010), pp. 78-85.

¹⁸ Lois Pérez Leira. “Maruja Mallo”, in *Mullheres da emigración* (Vigo: Grupo de Comunicación Galicia en el Mundo, 2009), p. 195.

o acompanhar de comboio até ao Porto, cidade onde se encontraria com outra pessoa que o conduziria a Lisboa.

Em Lisboa, Alberto Mezquita tentou, com o apoio de Gabriela Mistral, munir-se de passaporte e documentação para poder exilar-se na América Latina, mas foi preso nas ruas de Lisboa. A PVDE não o libertou enquanto não recebeu informações do governo de Burgos, que acabou por informar que ele pertencia a “movimentos marxistas”. Nesse momento foi entregue às autoridades espanholas alinhadas com Burgos. Segundo Eduardo Granell, também do POUM, galego e seu companheiro das tertúlias madrilenas, Alberto Mezquita foi condenado à morte, mas Eduardo Dieste, cônsul chileno, e Eugénio Montes conseguiram que a pena fosse comutada¹⁹. Xurxo Martínez Crespo, por sua vez, refere que o embaixador uruguaio Carlos Gurméndez e o seu primo jornalista Felipe Fernández Armesto, mais conhecido por Augusto Assía, tê-lo-ão salvo da morte²⁰. Com o apoio de Rómulo Galegos, Alberto Mezquita exilou-se na Venezuela, via México e Cuba²¹. Em 1948, quando Gallegos assumiu as funções de Presidente da República da Venezuela, Mezquita foi seu secretário, porém, o golpe de estado que depôs Gallegos, no mesmo ano, conduziu-o de novo à prisão e mais tarde ao exílio cubano, de onde regressará em 1958.

Mezquita foi um dos membros do DRIL (Directivo Revolucionário Ibérico de Libertação), organização que levou a cabo a célebre Operação Dulcinea, de sequestro do paquete Santa Maria na madrugada de 22 de Janeiro de 1961, cujos membros designaram por “Santa Liberdade”²². Esta operação teve três líderes, dois galegos e um português: José Velo Mosquera e Comandante Sotomayor, e o Capitão Henrique Galvão. Miguel Urbano Rodrigues, exilado português no Brasil, e Camilo Mortágua, na Venezuela, participaram nesta acção, tendo anos mais tarde um papel importante na oposição portuguesa, o primeiro no Partido Comunista Português (PCP) e o segundo na Liga de Unidade e Ação Revolucionária (LUAR).

Alberto Mezquita trabalhou com Símon Alberto Consalvi no consulado de Belgrado entre 1962 e 1965, e faleceu na Venezuela, em 1968, segundo o jornal *El Pueblo Galego*, publicado em Vigo entre 1924 e 1979:

¹⁹ Eugénio Fernández Granell, “Sorpresa do Trigo”, *Revista das letras* (n.º 437, 2002), p. 8.

²⁰ Xurxo Martínez Crespo, “O Consulado da liberdade: Lisboa, 1936”, *A Nosa Terra* (n.º 215, 16 de Março, 2006), p. 16.

²¹ Xurxo Martínez Crespo, “O Mosaico do exílio galego em Venezuela”, *A Nosa Terra* (n.º 1395, 25 de Fevereiro, 2010), p. 22.

²² Dawn Linda Raby, “O DRIL (1959-61). Experiência única na oposição ao Estado Novo”, *Penélope* (n.º 16, 1995), pp. 63-86.

*La Voz de Galicia” del pasado sábado día 27 del actual, nos trajo la triste noticia. Alberto Fernández Mezquita acaba de fallecer en Venezuela en donde residia hace bastantes años. A los 69 años de edad, el gran amigo nos dijo adiós, pero no para siempre. Alberto Fernández Mezquita, un galego de pro seguirá perenne en nuestro recuerdo. Posiblemente en sus lábios y en sus últimos momentos, no nos habrá olvidado, por que él, Alberto Fernández Mezquita, era de los que no sabia olvidar a los amigos, ni en los momentos más difíciles o más fáciles, que de todo hubo en la agitada vida de este super amigo*²³.

Artur Mirandela faleceu em 1964, em Matosinhos, com 64 anos de idade. Sobre a sua morte foram publicados artigos nos jornais republicanos n’*O Primeiro de Janeiro* e jornal *República*. As notícias sobre o seu funeral mostram a singularidade desta biografia e das consequências do seu envolvimento político para si e para a sua família.

Em um destes dois artigos o funeral foi apresentado como:

*[...] uma das mais imponentes sentidas manifestações de pesar registadas nesta cidade nos últimos 50 anos. No préstito (fúnebre) incorporaram-se cerca de 2000 pessoas, além de centenas de automóveis. Pessoas de todas as condições sociais e de várias convicções políticas prestaram a sua última homenagem a Artur Mirandela, assim prestando público reconhecimento às suas qualidades de espírito*²⁴.

Outro artigo do jornal *República* descreve Artur Mirandela nos seguintes termos:

[...] nosso dedicado amigo, prestimosa figura de democrata e republicano, homem de uma dignidade que nada conseguiu abalar, lutador inquebrantável pelo que é válido, personalidade rica de sentimentos de humanidade, espírito culto e decidido, sempre orientado na procura da verdade e da justiça (...) o seu valor humano, como homem sempre preocupado com os mais altos valores de espírito, na medida em que podia auxiliar efectivamente os seus semelhantes, muito além das suas próprias crenças e certezas. No sector político Artur Mirandela sempre

²³ Sameij, “Adiós a Alberto Fernández Mezquita”, *El Pueblo Gallego*, 31 de Janeiro, 1968, 12.

²⁴ “Em Bragança Impressionante manifestação de pesar no funeral de Artur Mirandela”, *Jornal República*, 9 de Dezembro, 1964.

evidenciou as suas profundas convicções democráticas e republicanas, participando activamente em todas as campanhas eleitorais²⁵.

Uma carta de Artur Mirandela, datada de 10 de Julho de 1960, interceptada pela PIDE, termina da seguinte forma:

P.S. - Dizem que as cartas são violadas pela PIDE, nunca me interessou saber isso para dizer a verdade. Quando muito podem ser eles os primeiros a sabê-lo. Mas se aquilo que aqui está escrito é o que eu pessoalmente lhe digo, que diabo me importa a mim que abram ou não as cartas. É um crime que assim procedam. Mas não depende de mim evitá-lo²⁶.

Nesta carta interceptada pela PIDE dá conta do seu desagrado em relação à perseguição política de que foi alvo ao longo da vida. Ao dizer que provavelmente a carta seria interceptada e que não se importava com isso, estava a deixar uma mensagem para o futuro, sem filtros, declarando a sua independência e autonomia para memória futura:

A pior das enfermidades conhecidas até hoje em Portugal é a Salazarite. A Humbertite é um antídoto, um contraveneno. E um contraveneno é um medicamento empregado para frustrar a acção de um veneno. Fui sempre contra o endeusamento de qualquer homem. Fosse ele Stalin, Franco, Salazar, Mussolini, Hitler, Delgado, Eisenhower e tantos outros que abundam por este mundo de cristo.

Nunca me filiei em partido algum, e tenho sido sempre franco atirador. Só vou para onde quero. Tenho cá as minhas simpatias, com um certo limite, e sempre que não são aquilo que eu julgava, passo a atacá-los. Mas só quem é livre assim pode proceder. Nasci para ser da oposição por me parecer que só assim poderei ser útil à Nação. E tanto assim é que todos me têm levado ao cárcere. Só faltam os comunistas que não sei o que me farão. Mas por certo não me farão pior que estes senhores da actual situação. Fizeram-me fechar a minha casa comercial e abandonar a minha terra. Mas de tudo aquilo que mais me feriu, foi darem-me uma busca a casa quando a minha saudosa esposa estava nos fins de vida. Quiseram ajudá-la a morrer. Só quem não tem amor de família poderá

²⁵ “A ‘República’ perdeu um colaborador e um amigo dedicado”, *Jornal República*, 7 de Dezembro, 1964.

²⁶ Carta de Artur Mirandela a Capitão Domingos Ferreira, de 10 de Julho de 1960. ANTT. Arquivo PIDE/DGS, Delegação do Porto, Processo 10254, Unidade de Instalação 3613.

olvidar aqueles quadros de tão sombrias cores [...]. Os galfarros que a ajudaram a morrer, violando à cabeceira da cama os segredos do seu lar, lendo cartas que ela tão religiosamente guardava, serão capazes de compreender a grande e incomparável lição que ela lhes deu? Por certo que não. Poderão fazer pior os comunistas? Não, porque tudo tem o seu limite [...]. Quero livremente apontar os gatunos, os traidores, os assassinos e prestar homenagem, também livremente, às pessoas bem-intencionadas e honestas, sejam eles monárquicos, republicanos, ou o diabo que os leve. Agora por imposição e com ameaças, ninguém me leva. Luto pela verdade que é a fonte da luz. Aqui tens tu naquilo que deu a Humbertite. Se lá tem ido, estou convencido que já estava contra ele a estas horas. Num covil de feras é mui difícil ser-se santo [...] Aquilo que a ti te digo, é o que digo aos meus correligionários e à própria PIDE. Já me conheces desde menino e moço. Jogámos à roça e ao eixo. Depois pela vida fora, como o tempo corre – até fomos correligionários – bons tempos. Mas eu sou como o Péricles: vocês é que se foram, eu ainda estou no mesmo lugar. E estou, não há dúvida nenhuma. Vou deixar-te em paz²⁷.

Na cidade de Bragança, Artur Mirandela tem um bairro, uma rua, um jardim e uma escola com o seu nome e ainda um pequeno monumento. Apesar do seu nome estar inscrito no espaço público por meio destas cinco formas de o homenagear, não há uma publicação específica sobre esta figura que marcou a história da cidade de Bragança, do país e a história internacional. No centro de interpretação sefardita, inaugurado no dia 20 de Fevereiro de 2017, não é referido o seu nome, nem está exposta a sua fotografia. É uma ausência ruidosa e incómoda num edifício com três andares, saturado de textos, imagens, fotografias, filmes. Não terá havido investigação específica sobre a comunidade judaica de Bragança que se reorganizou na década de 20 do século XX? Será que o modelo de investigação para a construção do centro de interpretação segue um modelo *standard* em todos os processos de patrimonialização sefardita que pretende atrair o turismo religioso judeu, sem investigação a nível local? Será que não há vontade política dos poderes locais em relembrar estas figuras da oposição ao Estado Novo? Ou será que a comunidade judaica de Lisboa não tem interesse em apoiar processos de patrimonialização que não apresentem os judeus como vítimas da inquisição e do holocausto, obliterando

²⁷ Carta de Artur Mirandela a Capitão Domingos Ferreira, de 10 de Julho de 1960. ANTT. Arquivo PIDE/DGS, Delegação do Porto, Processo 10254, Unidade de Instalação 3613.

as figuras menos consensuais e com múltiplas identificações, cruzando diferentes tipos de activismo e de solidariedade com diferentes grupos, fazendo lembrar a ideia de interseccionalidade que hoje vários movimentos sociais defendem? Barros Basto e Artur Mirandela são dois casos que desmentem a ideia de uma comunidade discreta, e provam que havia membros da comunidade judaica bastante envolvidos nos movimentos de oposição à ditadura portuguesa.

Porque se sabe tão pouco sobre Artur Mirandela que foi perseguido pela PVDE e pela PIDE e que terá ajudado refugiados da guerra civil de Espanha e da Segunda Guerra Mundial a atravessar clandestinamente a fronteira? Porque se sabe tão pouco de alguém que poderá ter colaborado com a rede Shell²⁸ durante a Segunda Guerra Mundial, rede que tinha traçado um plano entre espiões ingleses e membros da oposição portuguesa para resistir a uma possível invasão do país pela Alemanha? O silêncio continua sobre alguém que foi uma peça-chave na candidatura de Norton de Matos e de Humberto Delgado.

Este esquecimento ou silenciamento poderá também estar relacionado com os objectos de estudo escolhidos pelas ciências sociais, que têm relegado para segundo plano a história local. Deixou de se estudar o território rural e interior de Portugal, as cidades mais pequenas, vilas e aldeias que o compõem e tem-se priorizado o estudo das grandes cidades e áreas envolventes onde actualmente se concentra mais população.

A.M./A.M. são as iniciais de Alberto Mezquita e de Artur Mirandela. Para além de terem as mesmas iniciais e de terem resistido e sofrido os efeitos das ditaduras ibéricas, não é apenas isto que liga estes dois resistentes antifascistas. Ambos não estão inscritos nas histórias nacionais de Portugal e Espanha, nem na história internacional.

O facto de terem pertencido a grupos minoritários de oposição e resistência aos fascismos, português e espanhol, pode ter contribuído para a invisibilização destas histórias, ao contrário das memórias e histórias de militantes que fizeram parte de partidos e movimentos, que ainda hoje são estudadas e divulgadas por grupos que reclamam essa memória. As referências encontradas sobre Mezquita e Mirandela encontram-se dispersas pelos estudos sobre as trajectórias de algumas pessoas que se notabilizaram nas artes, ou nas políticas nacionais de diferentes países.

Se Alberto Mezquita atravessou fronteiras, lutando por outro futuro, Artur Mirandela ajudou pessoas a atravessar fronteiras com o mesmo objectivo. Artur Mirandela e Alberto Mezquita foram dois activistas que estavam na periferia em

²⁸ Júlia Leitão de Barros, “O Caso Shell: a rede de espionagem anglo-portuguesa (1940-1942)”, *História*, n.º 147, Dezembro (1991), pp. 55-83.

momentos-chave, mas que também estiveram no centro da história mundial em momentos tão importantes como a guerra civil de Espanha, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. Este estar na periferia pode ter vários sentidos, considerando que se situavam num espaço periférico, na fronteira entre dois Estados-nação, e simultaneamente numa periferia política, por não haver nenhum movimento ou partido que reclame a sua memória no presente. Esta memória, que designo por “memória periférica”, está directamente relacionada com o conceito de “memórias fracas” proposto por Enzo Traverso²⁹.

Ter sido do POUM e ter estado na Galiza quando se iniciou o golpe de Estado, obrigando à fuga para outro país, ou reviralista e republicano na cidade de Bragança, é diferente de ter sido do POUM e ter estado em Barcelona em maio de 1937, ou reviralista e republicano em Lisboa ou no Porto. Esta “memória periférica” significa uma memória das periferias, uma memória local, fortemente condicionada pelas estruturas de poder dirigidas pelas elites locais, que vão escolhendo o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido com os fundos de que dispõem, esquecendo outras figuras, limitando-se a erigir um monumento ou dar nome a uma rua, sem o apoio a uma investigação sólida que permita a construção de transmissores de memória, que possam ser estudados e transmitidos a novas gerações. A forte concentração de investimento público na cidade de Lisboa reflecte-se na escolha dos objectos de estudo, permitindo alguma visibilidade da resistência em certas zonas do país, de uma certa resistência e de certos resistentes, deixando na sombra diversas regiões, localidades e figuras que se opuseram ao Estado Novo e que também sofreram as consequências dessa opção política. Margarida Tengarrinha, no lançamento do seu último livro *Memórias de uma falsificadora – A luta na clandestinidade pela liberdade de Portugal* defendeu que, para se compreender a história do PCP e, a meu ver, a história de toda a oposição e resistência à ditadura, é preciso conhecer todas as outras histórias menos conhecidas, dos pequenos apoios que todos somados ajudaram directa ou indirectamente na concretização de operações mais ou menos bem sucedidas na luta contra o fascismo em Portugal e Espanha e que evitaram a prisão e a morte de várias pessoas.

Se não tivesse realizado entrevistas num lugar, neste caso fronteiriço, não descobriria a ligação entre Artur Mirandela e Alberto Mezquita, descoberta realizada na consulta dos processos de Artur Mirandela que constam nos arquivos da polícia política depositados na Torre do Tombo em Lisboa.

²⁹ Enzo Traverso, *O passado, modos de usar a história, memória e política* (Lisboa: Unipop, 2012), pp. 71-72.

Alguns autores já reflectiram sobre a relação entre memória e periferia³⁰ e memórias periféricas³¹. Neste texto, as memórias periféricas têm um duplo significado. Por um lado, são memórias de lugares distantes dos centros de poder e de produção de conhecimento científico. Por outro lado, são memórias de acontecimentos e figuras cuja memória não é reivindicada publicamente por nenhum grupo cultural ou político.

Ao preparar este texto, lembrei-me que a sociedade também se pode dividir entre os que detêm os meios de produção da memória e os que não a detêm. Viet Thanh Nguyen, que escreveu sobre a memória da Guerra do Vietname, ao falar das indústrias da memória também recorre a esta expressão dos “meios de produção de memória” para distinguir os que os detêm e os que não os detêm nem constam na memória oficial³². Considero que os meios de produção de memória poderão dividir-se em dois tipos: os meios de produção de memoriais e os meios de produção de transmissores de memória. O primeiro tipo, ligado à construção de monumentos, nomes de ruas, praças, bairros, jardins, estará mais dependente do capital social, político e económico de quem reivindica o não esquecimento de uma determinada figura para a história local e nacional, enquanto o segundo será condicionado pelo capital social e cultural, do poder dos directores de jornais, dos editores, dos jornalistas, das relações de poder no seio das universidades entre quem decide que estudos devem ser financiados, que livros devem ser publicados, que áreas do território e que objectos de estudo devem ser investigados. Os detentores dos meios de produção de memória concentrados nos meios de comunicação e nas universidades em que há cursos de ciências sociais, como a história, antropologia, geografia e sociologia, como as universidades do Porto, Coimbra e Lisboa, não têm demonstrado muito interesse pela história do interior e dos distritos mais a norte do país nas últimas décadas, preferindo os estudos de escala nacional e internacional, esquecendo as perspectivas e as realidades sociais locais periféricas, distantes dos maiores centros de produção de transmissores de memória.

Em muitos lugares foram construídos memoriais em homenagem a determinadas figuras ou a algum acontecimento, que alguém quis gravar para memória futura, mas não foram criadas as condições para a construção de transmissores de

³⁰ Kobi Kabalek, “Memory and periphery – an Introduction”, *Hagar – Studies in Culture, Polity, and Identities*, vol. 12, Novembro (2014), pp. 7-22.

³¹ Elisabeth Boesen, “Peripheral Memories – Introduction”, in *Peripheral Memories Public and Private Forms of Experiencing and Narrating the Past*, ed. Elisabeth Boesen, Fabienne Lenz, Michel Margue, Denis Scuto, Renée Wagener (Bielefeld: Transcript Verlag, 2012), pp. 7-20.

³² Viet Thanh Nguyen, *Nothing ever dies – Vietnam and the memory of war* (Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2016), p. 72.

memória que permitam compreender melhor a mensagem que os que mandaram construir determinado memorial queriam transmitir.



Fig. 1. Exemplo de um dos cinco memoriais, cujo estado de degradação impede a leitura da mensagem “Homenagem a Artur Mirandela”. Foto do autor. Bragança, 2017.

Os transmissores de memória, documentos escritos, orais, visuais, como livros, documentários, filmes, artigos científicos, reportagens, entre outros registos poderão possibilitar a construção de outros transmissores de memória compondo uma manta de retalhos espalhados por diferentes países, arquivos, bibliotecas e livrarias, tornando mais complexa, mas também mais desafiante o ofício de reconstituição dos historiadores, antropólogos, sociólogos, arqueólogos e jornalistas. A produção de mais transmissores de memória depende da disputa e da batalha pela detenção dos meios de produção de memória, da manutenção e reforço do capital social, cultural conquistado pelos defensores de uma maior visibilidade de memórias periféricas, no passado e no presente.

Enzo Traverso distingue “memórias fortes” de “memórias fracas”, mas ambas dependem da força de quem as possui, tendo as primeiras reconhecimento e visibilidade e as segundas o seu contrário. Porém, este historiador defende que esta dicotomia e reconhecimento desigual entre memórias fortes e fracas é dinâmica, podendo variar com o tempo e com conflitos em torno da memória entre diferentes grupos que reclamam por uma maior visibilidade da sua história, podendo

ganhar maior legitimidade entre a população, “contribuindo em permanência para a redefinição do estatuto da memória”³³.

Nos processos de memorialização ou patrimonialização “a partir de cima” tende-se a obliterar memórias conflitantes, optando mormente por mostrar a visão e memória dos vencedores e esquecer a dos vencidos. Entre os diferentes grupos de vencidos tende-se a apagar as memórias fracas dos que não têm grupos que reivindiquem o seu legado no presente. O conhecimento e divulgação de memórias periféricas permitirão aumentar o “espaço de experiência” colectivo e partilhado, possibilitando o alargamento do “horizonte de expectativa”³⁴.

Quando um condutor de um veículo olha para o retrovisor há sempre um ângulo morto, há sempre algo que o condutor não vê pelo espelho. Na história e nas memórias também há ângulos mortos que é necessário conhecer, estudar e dar visibilidade. O único livro que se encontra na Biblioteca Nacional Portuguesa através dos motores de busca com o nome da organização POUM, a que Alberto Mezquita pertenceu, é o livro intitulado *El Proceso del P.O.U.M.* No prefácio, Víctor Alba refere uma intenção dos membros do POUM que colaboraram na elaboração da obra que dá conta de histórias e perspectivas de certos grupos que têm menos visibilidade: “A intenção dos antigos poumistas que fizeram possível com o seu esforço e contribuições a publicação deste livro é que os historiadores do futuro possam contar com documentos autênticos para analisar certos acontecimentos da guerra civil espanhola que ficaram ofuscados e alterados”³⁵.

Para concluir, julgo que devemos dar mais atenção, visibilidade a estes ângulos mortos das histórias internacionais, nacionais e locais, pois poderão contribuir para uma maior compreensão das dinâmicas e processos sociais num tempo longo e em diversas escalas. A abordagem local e translocal permitirá uma visão caleidoscópica, tirando da sombra acontecimentos e figuras importantes em determinados momentos-chave das histórias nacionais e internacionais.

³³ Enzo Traverso, *O passado, modos de usar a história, memória e política* (Lisboa: Unipop, 2012), pp. 71-72.

³⁴ Reinhart Koselleck, “‘Espaço de experiência’ e ‘horizonte de expectativa’: duas categorias históricas”, in *Futuro Passado Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos* (Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2006), pp. 305-327.

³⁵ Víctor Alba. *El Proceso del P.O.U.M.* (Barcelona: Editorial Lerna, 1989), p. 8.